

Latinidade e Germanismo

*Não ha duvida que a Natureza dispôs
no mundo um logar proprio para exercer
um imperio universal ; e este logar é Roma*

DANTE.

VII (1)

(Conclusão)

Roma e a Latinidade

O imperio universal de Roma, a que se refere a epigrafe dantesca destes ligeiros estudos, se alguma vez foi abalado, está hoje *a refazer as suas forças*. O mundo volta-se de novo para Roma, porque nela vê, quer o melhor fulcro de civilização universal, quer um primado espiritual que nos destinos do mundo entra em linha de conta como um elemento *sui-generis*, ao mesmo tempo a mais forte e a mais doce de todas as forças moraes. Não é, portanto, nem para a Roma dos Cesares, nem para a Roma dos Reis que o mundo volta os olhos : é para a Roma do Papa, para a *Collina Vaticana*. A guerra ensinou as nações, relembrando-lhes verdades esquecidas ; se alguns desvarios humanos impediram que esses ensinamentos fossem completamente compreendidos e seguidos, nem por isso eles deixaram de ser aceites por homens de claro entendimento e boa vontade. E, para começo d'acção, isso ás vezes basta.

Um dos ensinamentos da guerra é que as nações, para seu bem, devem necessariamente aproximar-se de Roma. Vão já longe os tempos em que os preconceitos anti-latinos contra o Papa corriam mundo como verdades tão evi-

(1) Vejam-se os numeros 12, 14, 16, 18, 19 e 21 da *Revista Portuguesa*.

dentos como dogmaticas ! Hoje, essas ideias são apenas patrimonio de meia duzia de fosseis internacionais. As ideologias democraticas foram sangrentas e continuarão sanguinarias, emquanto viverem. Os ataques a Roma, determinados pelo odio ressumado dessas ideologias, tiveram na guerra a sua auto-condenação. Onde o odio a Roma dividia os homens e entre eles estabelecia a luta o espirito de Roma vivia e refazia a paz. Na hora suprema dos combates, a Igreja esqueceu agravos recebidos durante tantos anos, dum lado e doutro, para só cuidar de amenisar as agruras da guerra. Não faltou aos feridos e prisioneiros de todos os campos o auxilio moral e espiritual do Papa. A voz melhor ouvida na Turquia, pedindo clemencia para inimigos ou a libertação dalguns prisioneiros, era a voz de Roma ! Um pedido do delegado apostolico junto do Sultão, bastava : o que o Papa pedia ou em nome do Vaticano se pedia, não demorava em ser satisfeito. E assim mesmo, a gratidão dos turcos á Igreja catolica foi ainda tão grande, que nrigiram, em Constantinopla, uma estatua a Bento XV, não permitindo que para ela contribuisse com o mais pequeno obulo quem fosse catolico : a obra seria custeada apenas por homens de religião mussulmana. Outros povos inimigos, de religião protestante como a Inglaterra e a America, ou de sistemas religiosos mais afastados, como a China e o Japão, não erigiram estatuas a Bento XV, mas aproximaram-se do Vaticano. Na propria Italia, apesar de todos os melindres da situação creada, as boas relações entre o Vaticano e o Quirinal não constituem já uma hipotesé absurda ou distante. E porquê, esta convergencia universal de atenções sobre Roma ? Porque Roma revelou mais uma vez na guerra, que não pode haver paz fora da Igreja ; e que, se os homens querem crear uma força internacional capaz de dominar pela persuasão os interesses em conflicto, evitando a guerra, essa força só poderá ser a Santa Sé !

A *Sociedade das Nações*, se não abriu já falencia, foi porque ainda não chegou a exercer a sua acção pacificadora. Esta triste invenção do espirito democratico e pacifista traz consigo os germens da sua propria morte. A *Sociedade* pretende pôr-se acima de todas as nações que

se constituem, para livremente poder derimir todos os seus pleitos e evitar a guerra. Não se comprehende, porém, como uma assembléa constituida por representantes de varias nações possa crear uma mentalidade e uma consciencia superiores á mentalidade e á consciencia das nações nela representadas. Esses representantes, pelo proprio facto da sua representação, perdem a nacionalidade de origem? Se a perdem, que interesse poderemos ter nós em nos fazer representar numa assembleia internacional, se o nosso representante em vez de defender os nossos interesses, vae defender interesses alheios, talvez absolutamente contrarios aos nossos? Suponhamos que os delegados não perdem a sua nacionalidade. Se cada um deles é o representante directo duma nação, o seu interesse é defender tenazmente os interesses dessa nação; e não me parece natural que duma luta de interesses economicos e politicos, travada no meio duma assembleia cosmopolita, possa resultar a creação duma *sobre-nacionalidade* metafisica, duma consciencia internacional superior ás varias consciencias nacionaes que a constituem. Depois, qualquer que seja a constituição e a economia dessa internacional, qual é a força de que ella dispõe para efectivar as suas sanções? Tem um exercito proprio? Tem uma marinha privativa? — 1.^o Quem constituiria esses corpos armados? Não se comprehende que uma nação tivesse um troço de exercito para colocar ao serviço da *Internacional* politica, e não tivesse ao mesmo tempo um exercito capaz de a defender dos seus inimigos, — e até para resistir ás determinações dessa *Internacional*. 2.^o — Se a *Sociedade* precisa dum exercito para fazer valer as suas decisões, as guerras não terminam automaticamente, e a eficiencia do seu espirito pacifista é nula — senão contraproducente. Que especie de sanções poderiam ser as da *Sociedade*, nesse caso, contra os seus membros mais renitentes? D'ordem moral? A *Sociedade das Nações* não tem categoria para tanto. Não tendo um prestigio moral que a coloque acima do prestigio moral das nações que a compõem, não resultando a sua constituição dum facto superior e exterior á vontade dessas nações e defendendo a sua constituição, pelo contrario, da vontade particular

de cada uma delas, — a *Sociedade das Nações* não tem uma força moral, nem a pode ter material, que permita impôr a sua vontade e as suas decisões a qualquer Estado organizado.

Precisamente, o que falta á *Sociedade das Nações* para o desempenho da sua missão concorre na Santa Sé. O Vaticano, o Papa, para melhor dizer, é uma autoridade moral exterior e superior a todos os Estados. Sem armas nem territórios, apenas pela sua situação de Chefe da Christandade, apenas por ser o pastor de quatrocentos milhões d'almas, o Papa constitue o unico elemento espiritual capaz de corrigir, efectivamente, os desmandos dos chefes na ordem temporal. *Le vieillard en vêtements blancs qui siège au sommet du systhème catholique peut ressembler aux princes du sceptre et de l'épée quand il tranche et sépare, quand il rejette ou qu'il fulmine ; mais, la plupart du temps, son autorité participe de la fonction pacifique du chef de chœur quant il bat la mesure d'un chant que ses choristes conçoivent comme lui, en même temps que lui. La règle extérieure n'épuise pas le concept du Catholicisme, et c'est lui qui passe infiniment cette règle. Mais où la règle cesse, l'harmonie est loin de cesser. Elle s'amplifie au contraire. Sans consister toujours en une obédience, le Catholicisme est partout un ordre. C'est à la notion la plus générale de l'ordre que cette essence religieuse correspond pour ses admirateurs du dehors.* (1)

Para que o Principe da Paz — «o velhinho vestido de branco...» — possa impôr a sua voz e fazer valer as suas decisões, é necessario que o seu poder e a sua força sejam reconhecidos como superiores ao poder de todos os outros principes, de todos os outros chefes. Autoridade absoluta? Autoridade infalivel? Sim, autoridade absoluta e autoridade infalivel. Os ouvidos habituados aos palavrões vãos e sonoros da *Liberdade* podem afligir-se com estas palavras rudes ; mas as inteligencias claras e as consciencias rectas nada encontrarão nelas que as magôe ; e

(1) Maurras. *Politique religieuse*, pag. 382.

os proprios doutrinarios da Liberdade e da Democracia, se querem opôr-se a esse predominio espiritual infalivel e absoluto, não podem por forma alguma, em nome da razão e da logica, consentir na existencia duma justiça civil, onde o juiz do tribunal supremo, em nome da lei e em nome da sua consciencia, é tambem absoluto e infalivel. Na cupula de todos os sistemas de justiça ha sempre uma potencia que julga e não é julgada. Porque não poderá o Papa fazer, no dominio universal, o que os homens fazem no dominio particular? Porque não poderá o Vigario de Christo na terra, realizar, em nome da lei de Deus, precisamente o que os homens querem realizar em nome duma entidade puramente abstracta, despida de toda a realidade tangivel, como é a *Lei*? Porque não poderá o Papa, liberto de todas as preocupações nacionais e territoriais, como está, e atido unicamente ao dominio espiritual, efectivar uma obra internacional para que os homens não possuem forças, exgotados como estão pelas paixões nacionais e territoriais? Acima da justiça dos homens está a Justiça eterna de Deus: quem a representa na terra, senão o Papa?

O nacionalismo só vale, moralmente, filosoficamente, quando orientado num alto sentido de *humanidade*. A *Humanidade* maiuscula da Revolução é uma coisa abstracta. A *humanidade* rial e tangivel é a comunhão moral de todas as pessoas, são as manifestações multiplas da personalidade humana, reveladas, até, pelas diversas aspirações nacionalistas. A terra onde nascemos dá-nos um cunho particular. A educação moral e intelectual, marca-nos como um sinal mais amplo. A civilização alarga as comunidades humanas. Mas acima de todas estas definições, ha um sonho uniforme e universal que liga as pessoas umas ás outras por uma estreita solidariedade: a nossa natureza comum de filhos do mesmo Deus. Assim, o nosso nacionalismo é condicionado por uma preocupação universalista e religiosa. Nacionalistas, sim, amando a nossa terra *primeiro* e *mais* do que a terra alheia, amando a nossa raça *primeiro* e não *mais* do que as outras raças, mas conduzindo sempre a nossa grandeza pelo caminho da grandeza comum da humanidade. Esse *sobre-nacionalismo*, porem,

uão o puderam realizar as varias *Internacionats* operarias: acima dessas estreitas preocupações economicas, o homem guarda ainda preocupações de ordem moral e nacional. Tampouco o poderá realizar a *Sociedade das Nações*, pelas deficiencias que nela concorrem, já atraz apontadas. Qualquer sociedade internacional de valor efectivo, com força moral e com prestigio, não podendo ser senão uma sociedade religiosa, esse *sobre-nacionalismo* terá de ser realizado pela unidade de fé de quatrocentos milhões de catolicos e terá de ser representado, visivelmente, pelo chefe supremo da Christandade, ordenando e comandando da sua cadeira de Roma.

A ideia suprema da Latiniidade é hoje o Papa quem a materializa. Civilisação latina não poderá entender-se por outra fórmula que não seja civilisação catolica. Eis porque não têm sentido algum certas avarioses latinas que ás vezes por aí aparecem, exportadas pelo *maire* de Lyon e chefe do partido radical francez, Herriot, acolitado por um tal Maurice de Wallefe. O representante português desse falso latinismo, se não fez uso do mesmo vocabulario anti-clericalista que serve ao cretino Wallefe, tambem não tem para a Igreja a mais leve palavra de reconhecimento pelo que a civilisação lhe deve. O *Latium* existia, evidentemente, antes do Christianismo vêr a luz do mundo. Havia latinidade antes de existir Catolicismo. *Complète et synthétique, facile à moderniser á toutes les époques, comme les faits le prouvent, commode à étudier, vaste, mais pas á tel point qu'elle excède les forces compréhensives de l'esprit humain* (a historia de Roma) *est en quelque sorte une miniature très nette ou une esquisse très lucide de l'histoire universelle.* (1), Mas o Christianismo, mais tarde, tornou-se parte integrante e dominante dessa civilisação: purificou e elevou tudo quanto nela havia de bom, anulou e expurgou tudo quanto nela havia de mau. Latinidade passou a significar Catolicismo. A Roma pagã volveu-se em Roma christã. Porquê? Sem duvida, como disse Dante, porque a Natureza fez de Roma o lugar pro-

(1) Ferro. *Le génie latin et le monde moderne*, pag. 107.

prio para exercer no mundo um imperio universal. *Saint Pierre avait-il une connaissance distincte de l'étendue de sa prérogative et des questions qu'elle ferait naître dans l'avenir? Je l'ignore* (1). As grandes instituições políticas e religiosas, diz de Maistre, vegetam insensivelmente a tra vez dos seculos. Roma tornou-se insensivelmente, por mandado divino, o fulcro do pensamento catolico, o fulcro da Christandade. Todas as qualidades mestras do pensamento latino — ordem, beleza, disciplina, harmonia, clareza — tudo a Igreja consubstanciou em si. *O n'est pas catholique, soit! mais on n'est rien et l'on ne pense rien que d'absurde dans l'ordre des généralités directrices. Rien, rien, rien.* (1)

«Sou humano» e «sou romano», diz Maurras na conclusão da *Politique religieuse*, são duas proposições identicas. Roma diz *sim*, e o Homem diz tambem *sim*. A Igreja é a maior força espiritual e moral de todo o mundo e é, simultaneamente, o melhor modelo de toda a disciplina social. Quem obedece a Roma, sabe que Roma, em troca dessa obediencia, lhe concede uma liberdade moral ilimitada. A infalibilidade do Papa não pode chocar a intelligencia dos catolicos. Não pode haver unidade de Igreja, dizia S. Thomaz, sem unidade de fé; mas tambem não ha unidade de fé sem um chefe supremo. O proprio Luthero reconhecia as virtudes dessa disciplina: «no que toca ao governo exterior, o reino do Papa é o que ha de melhor para o mundo.» Se o Christianismo se não tivesse apoderado da civilização latina, se Roma se não torna o centro do universo catolico, a civilização do *Latium* seria hoje no mundo o que são as velhas civilizações orientais, desfeitas em cinza e perdidas na treva dos tempos. Se Roma deu vitalidade e eternidade, a essa civilização brilhante, devem orgulhar-se todos os que se dizem latinos, de sentir dentro do coração bater, forte, o coração de Roma...

Augusto da Costa.

(1) Joseph de Maistre. *Du Pape*, pag. 130, vol. I.